Pela Grei

A Monarquia

Diario Integralista da Tarde

ENDEREÇO TELEGRAFICO: — «MONARQUIA»—LISBOA

Director
Conde de Monsaraz
Redactor principal
Antonio Sardinha
Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada
Escritorios e Typographia R. de S. Paulo, 20
Impressão — Rua da Gralha, 134
Editor — João A. Santos
Telefone: C. 1635

SOB AS AZAS GLORIOSAS DO PELICANO...

Alexandre Cabeças

Rememoro toda a literatura da guerra e nada ha que melhor me sirva a alma do que essa palavra admiravel que a filha de Taine lançou á margem do seu livro de missa. *«Louvado seje Aquele que faz nascer a esperança sobre os tumulos!»* — repito eu tambem comigo, como numa oração, agora que a minha saudade procura a face escondida dum grande amigo morto e só tenho, para a confortar, a apostrofe triunfante de S. Paulo: — *«O mors, ubi victoria tua?»* Passa em mim, num crepusculo sobresaltado alguma coisa da hora longinqua das Catacumbas. Não é um responso que o coração me pede para recitar sobre a memoria de Alexandre Cabeças. Sinto bem a victoria do seu espirito libertado e não me abandona o sentimento da sua presença constante e solicita, acompanhando-me de perto, como uma boa sombra tutelar.

Não interessa a ninguem saber como conheci Alexandre Cabeças. O que interessa é saber-se que a sua mocidade era numa extraordinaria transparencia uma espira de fogo ardendo para Deus e para a Patria.

No seu olhar, profundo e melancolico a um tempo, havia já como que o reflexo das colinas eternas. Ao reler as suas cartas, eu compreendo serena e tranquilamente a razão do seu fim. Deus tocara-o para o sacrificio. Ninguem marchou para ele com maior doçura nem maior nobreza do que o alferes Alexandre Cabeças.

Tirava Alexandre Cabeças a sua origem das mais fundas raízes alentejanas. Viera ao mundo em Vila-Viçosa, o burgo senhorial da Dinastia, debaixo do olhar misericordioso da Virgem eleita pelo Reino em Côrtes como sua Padroeira. Ricos de significação tão intensa como misteriosa os seus incomparaveis vinte e tres anos! Arrancou-o a guerra ao anonimato placido da sua pequena patria local e a guerra eu tique devendo a amizade de quem, como Alexandre Cabeças, é hoje, no holocausto fervente da sua juventude, o laço mais forte que prende o nosso movimento ás responsabilidades sagradas do seu destino de resgate e ressurreição. E quando o evoco, defunto lá longe, depupila quieta para o ceu, e sorriso vitreo na expressão imovel, toda a sua existencia se transforma para mim numa hostia de expiação, oferecida pela boa terra do Alentejo ao crime secular duma raça, a quem chegou o momento doloroso da purificação.

Percorro a correspondencia de Alexandre Cabeças e todo eu tremo, roçado por uma aza invisivel, se o abraço e o envolvo na sua impressionante biografia moral: meia duzia de cartas que como herança sem preço eu lhe liquei devendo, agora e para todo o sempre. Viveiro de herois e de santos, Portugal, nesta primavera agreste em que um vento de tragedia o acorda desabaladamente, se floresceu de novo para o heroismo antigo nas pregas recuadas da Flandres, não floresceu menos para os caminhos perdidos da predestinação no exemplo ignorado de quem, como Alexandre Cabeças, caiu, de espada erguida, inspirado centurião de Christo, já aureolado pela bem-aventurança de que nos falam os versos espantosos de Charles Péguy:

Heureux ceux qui sont morts dans les grandes batailles,
Couchés dessus le sol à la face de Dieu.
. . . . . .
Heureux ceux qui sont morts pour quatre coins de terre,
Heureux ceux qui sont morts d'une mort solennelle.

A sua letra nervosa e miuda anima-se diante de mim e eu posso seguil-o quasi, até á hora da morte, uma vez mais, nos bocados de si mesmo que ele ia confiando ao papel. Ninguem depôs mais fé, — uma fé mais ardente e mais inalteravel no futuro da nossa cruzada do que ele! Foi o seu pensamento constante, tornado em motivo supremo da sua passagem pela vida, como ele proprio fervorosamente o confessava. Partido para França na segunda semana de novembro passado, data de 22 desse mês a sua primeira carta. Curta e a lapis, condensa-se toda num periodo em que o cavaleiro christão nos aparece, queimado pela labareda santissima que o devora. *«Esta é escrita muito á pressa no intervalo das orações que ha 24 horas quasi ininterruptamente venho dirigindo a Deus, implorando da Sua Misericordia Infinita a protecção para a Patria, para os meus amigos e para o meu espirito, ora quasi completamente dominado por uma sensação nervosa nunca experimentada.»* Era o contacto da trincheira, a primeira impressão da batalha. A sua existencia interior abria-se para Deus e em Deus se reponzava, como um menino no regaço de sua mãi.

Mais definida é já a carta seguinte, datada de 8 de dezembro, dia de gala para Alexandre Cabeças, dia da imaculada e de festa para Vila-Viçosa. O tradicionalista aparece-nos no seu duplo fervor pela Religião e pela Patria:

«Não quero deixar passar o dia de Nossa Senhora da Conceição, sem lhe dar as minhas noticias aproveitando uns momentos de tranquilidade e descanso. Sabe certamente quanto este dia me fala ao coração. Antes de bom português sou bom filho daquela viçosa terra alentejana, patria de heroes, solar da Dinastia e cabeça da antiga ordem militar de N.ª Sr.ª da Conceição, Padroeira do Reino... Como deixar, portanto, passar despercebidamente o dia de hoje? E como lh'o não dizer, meu querido amigo, a si, que eu sei não ter deixado hoje, bom português e bom católico, de orar mais fervorosamente á Virgem por Portugal e pelos portuguêses, por aqueles que o pretendem salvar tornando-o a colocar no logar onde durante seculos a Historia e a Tradição o mantiveram...»

E depois:

«(Esse desejo) lá me levou hoje, a algumas leguas d'aqui, a receber das mãos dum Padre Português a Sagrada Comunhão. Creio que não podia prestar maior homenagem á Virgem e comemorar o dia da forma mais significativa.»

Em seguida Alexandre Cabeças conta-nos a alegria que o comoveu, ao ouvir o Evangelho o capelão recordar as saudades, na ausencia, de Portugal distante e a missão salvadora que a todos nós nos pertence.

«Oito dias antes lembrando aos meus soldados o aniversario da Independencia de Portugal, — continúa Alexandre Cabeças —, eu falava-lhes delas, dessas saudades, e, afirmando-lhes que nunca como agora as sentira tão vivas e ao mesmo tempo tão pungentes, perguntei-lhes qual deles as não sentiria assim tambem. Não haveria um talvez! Não havia, com certeza, pois as lagrimas acudiram aos olhos de todos, como que respondendo ás minhas palavras. E o centurião esclarece: — «Estou entre gente do Minho»; para desdobrar as revoadas dum cantico: — «Mas quem sabe se a tudo isto seria insensivel se o Integralismo me não tivesse despertado o adormecido sentimento patriotico, o amor de Portugal, o apêgo ás coisas portuguêsas?! E' a ele certamente que o devo. E assim não imagina com que fervor, com que entusiasmo me tenho dedicado á sua propaganda e com quê ufania no seu lindo emblema, que o Conde de Monsoraz amavelmente me ofereceu quando me deu o prazer de o abraçar á minha despedida. E, — digo-o com certo orgulho —, felizmente essa propaganda não tem sido de todo infructifera.»

Tal era o heroi na singeleza aberta da sua alma de eleição. Trechos de outra carta, marcada de 23 de dezembro, vesperas de Natal, acabam de o confirmar na rara unidade moral de quem já andaria debaixo dos olhos de Deus... Alude a amigos nossos na guerra e escreve:

«O Callainho que já tornei a encontrar, recebeu com afabilidade... Chegou a mostrar-me desejos de usar da sua influencia para melhorar a minha situação. Dissuadi-o, muito grato, e reconhecido, dizendo-lhe que, alem de vir disposto para o sacrificio, era meu desejo manter sempre uma certa autoridade moral, de que mais tarde não poderei prescindir.»

E modesta, despreocupadamente, Alexandre Cabeças prosegue, preso sempre do seu grande sonho. Alude agora ao movimento de 5 de dezembro:

«Fez bem em não perder tempo sobre o movimento de 5 do corrente. Logo tive noticias do seu triunfo pela *Action Française* que aqui recebo directa e regularmente... Permitta-me que, a propósito d'elle lhe conte o seguinte: N'um dos ultimos dias que passei em Lisboa, fui convidado a assistir ás reuniões que já se efectuavam para tal fim, por um amigo, cujas convicções monarchicas são conhecidas. Pedi algum tempo para responder, porque queria informar-me do caracter que o movimento teria e por quem era feito e dirigido. Asseveraram-me que n'elle estavam com todo o entusiasmo varios elementos de confiança. Respondi, declarando que, embora me fosse simpatico qualquer movimento que visasse a derrubar o demagogismo e com ele um governo de corrupção e immoralidade, eu só tomaria parte desde que tivesse a certeza que não ia contribuir para o enfortalecimento dum partido ou de qualquer facção do regimen. Quiz depois obter informações seguras, mas dois dias adiante recebi ordem de partir... Tenho agora a impressão de que não só procedi como a minha consciencia me ordenava, mas tambem de maneira a não me arrepender de participar num movimento cujas consequencias não eram difficeis de prever e ao qual se não podia dar uma feição que fosse contraria ás instrucções de S. M. El-Rei.»

Eis um traço precioso de caracter e inteirezas politicas, bastante para resultar na homenagem comovida que prestamos a Alexandre Cabeças. Em 10 de janeiro voltavam as suas noticias a pô-lo de novo como um exemplo para a minha admiração:

«O tempo de que disponho neste momento é mesmo muito pouco, mas ainda chega para lhe dar uma nova que ao seu coração de amigo verdadeiro deve ser agradavel, — a da minha nomeação para um cargo do Estado Maior desta unidade, nomeação que não pedi, e que não aceitaria se me não conhecesse».

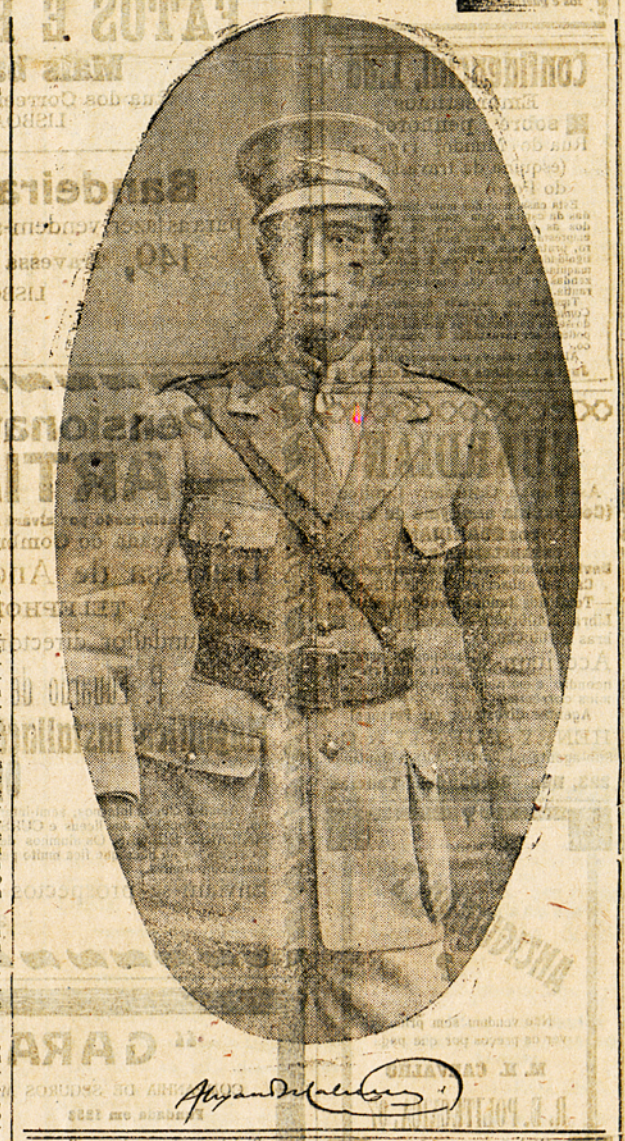
E um mês decorreu, entretanto, até receber outra carta. E' a penultima, — extraordinaria como todas, direita como uma chama, já com o acento da Eternidade a dita-la. E'-me doce percorre-la:

«O lenitivo que aos dissabores de todos os dias e ás tristezas de todas as horas habitualmente recebo da oração, era, ao lembrar-me assim do meu querido amigo, mais acentuado, creia. E então não posso deixar de dar graças a Deus o ter-me colocado no seu caminho. Creio que lh'o digo pela centesima vez, mas acredite que lh'o digo cada vez mais convencido de que foi Deus que nos aproximou com qualquer elevado fim que bem pode estar ainda no insoudavel dos Seus Designios...» E, humilde esquiva-se ao reconhecimento da sua virtude tão penetrante e tão perfumada:

«Não me tenha tambem o doutor na conta admiravel pelo meu espirito de sacrificio. Creia que se em mim alguma coisa ha de notavel é apenas o ardor da minha Fé, a sinceridade das minhas convicções e sobretudo o desejo que manifesto sempre de proceder e pensar em harmonia com os dictames da Sublime Doutrina que ainda no berço comecei a aprender e com a herança que recebi de meu Pae.»

E é então que Alexandre Cabeças se retrata para sempre em palavras dignas de andarem de cór na boca de todos os integralistas:

«Religioso e patriota, catolico e portuguez, creia que o sou, e porque o meu querido amigo não o é menos, nem menos sinceramente nem menos apaixonadamente, é que nos entendemos tão bem, nos aproximamos tanto, nos tornamos finalmente tão grandes amigos. E porque assim pensamos em Deus e na Patria, não podiamos deixar de ser, como somos, integralistas. Não é verdade? De facto, só o Integralismo — diz-n'o em carta recebida ha dias e aplaudindo a minha ingressão na nossa Cruzada, um amigo que o fôra já de meu Pae, um velho lavrador, a quem consagro uma veneração quasi filial, só o Integralismo, — diz-me ele — pode a ligar a ideia de Deus á ideia da Patria, o sentimento á razão».



Mas na marcha do tempo a morte esperava-o. As cartas rarearam. Não entanto, ardendo sempre, como a sarça mistica, a sua fé illuminou-se ainda com os ecos da nossa festa de Março. Debaixo do maior alvoroço traçou o seu testamento. Chamo o seu testamento á carta que em outro logar é publicada.

Foi ela recebida quando Alexandre Cabeças, sem sete palmos e meio de terra, patria para descançar, entrara naquela bemaventurança, de que os versos formidaveis de Péguy adivinham o esplendor:

«Heureux ceux qui sont morts dans cet, ce écrasement
Dans l'accomplissement de terrestre vœu.

Ele caiu, acreditando em nós, caiu dando o seu sangue por nós, junto de Deus, no premio augusto do seu sacrificio voluntario e consciente, ainda são para nós as suas orações. Ele cimentou com a sua pureza e com a sua bravura a aliança que a todos na prende e liga para a grande finalidade que o encheu a ele de visões tranquilisadoras. Victima escolhida por Deus, Alexandre Cabeças, no simbolo tocante do seu fervor religioso e patriotico, é o alto exemplo que nos deve manter unidos.

Ele estará conosco onde nós estivermos. Nós mereceremos no mundo por tudo o que ele mereceu. Mais forte que a sua dedicação na terra, teremos a sua intercessão no Céu.

Por isso, ao evoca-lo na confusão da batalha, esvaído numa agonia sem nome, eu só sei dizer com a filha de Taine, de olhos poisados no seu livro de missa: *«Louvado seja Aquele que faz nascer a esperança sobre os tumulos»!*

Antonio Sardinha

Por conveniencia de paginação publicamos na 2.ª pagina outros artigos sobre Alexandre Cabeças.

A ultima carta

Meu querido amigo:

Não me demorarei a falar-lhe do entusiasmo com que li «A Monarquia» de 11, que acabo de receber.

Não m'o permite a minha vida agitada e mais do que ocupada nos ultimos quinze dias, tanto, que me vem sendo impossivel dar-lhe as minhas noticias, tantas vezes prometidas, e de ha muito me vejo obrigado a prescindir do quotidiano prazer da leitura do nosso jornal. Foi assim que me passou despercebido o seu primeiro aniversario e o convite para a festa da sua comemoração. Lamento não ter recebido noticias dessa festa a tempo de lhe pedir para me representar nela e afirmar perante todos os nossos queridos amigos que tiveram a felicidade de a ela assistir, a certeza da minha cada vez mais ardente Fé-Integralista e os protestos mais calorosos da minha admiração.

Li o seu discurso, meu querido amigo, entre todos os que foram brilhantemente proferidos nessa noite de gloria, e desvaneci-damente vi o meu nome entre os dos meus valentes camaradas Integralistas que aqui, onde a cada momento se expõe a vida, não cessam de afirmar a todo o mundo o valor tradicional do soldado português, a sua bravura, a sua lealdade e o mais nobre patriotismo. Com um abraço, mais apertado de todos os que nos teem unido os corações lhe, agradeço, meu querido amigo, a maior honra que o meu orgulho podia ambicionar, a de me fazer enfileirar nessa pleiade brilhante de rapazes, que, sob as azas gloriosas do Peliçano, animados pela Fé em Deus e nos destinos da Patria, hão-de ser, quando um dia voltarmos para sob o ceu azul dos seus patrios lares nobilitados pelo sacrificio, os obreiros da Restauração de Portugal por uma Monarquia que lhe restitua o logar glorioso onde a Historia o manteve até que o liberalismo do seculo passado o começou lançando para o demagogico cahos!

Avigoremos, desenvolvamos dentro de nós essa certeza mistica, e nada de desalentos! Confiemos! Sirva-nos de incentivo o admiravel esforço de que a jornada de 9 de Março foi o brilhante resultado, e com o esforço que nos dá a Fé havemos de vencer!

Portugal ha-de ser restituido ao brilho, á gloria, á honra de outras eras!

Creia-me meu querido amigo, nos protestos da mais leal e entornecida amizade do seu dedicado

Alexandre.

Em campanha
19-III-1918

Quando esta carta foi recebida já Alexandre Cabeças não existia. E' o seu testamento. Sejamos nós pela vida fóra os cumpridores dele.

Os herois

Meu caro Antonio Sardinha:

Diz-me V. que a «Monarquia» vae commemorar a morte de um moço heroe seu amigo.

Penso que o sangue da gente moça que se está batendo pela Patria, é o mais belo, mais piedoso e fremente holocausto deposto aos pés de Deus, nesta hora tragica em que o destino considera enigmatico as Nações e as Raças. Mas um remorso nos deve pungir de não estarmos na guerra, todos, para viver uma hora sublime e sobretudo para morrer bem, como eles.

Entretanto, nós gosamos a primavera agreste, mas linda como sempre, que nos chegou. E eles, os heroes, os bons netos morrem com simplicidade lá longe, e por nós! E' por isso que perante a memoria do moço heroe, me curvo com um grande respeito e com um grande enleio.

Seu admirador e amigo
Afonso Lopes Vieira

O primeiro que caiu...

A morte não custa. O que nos aterra é a sua teatralização. Tirem-lhe as pompas funebres, a eça mais os panos negros com bordados a oiro, o cadaver velado entre tocheiros no silencio da camara mortuaria, os turnos processionais no cemiterio e finalmente aqueles discursos soluçados á beira do tumulo para logo depois se apagarem na lembrança dos vivos, tirem-lhe isto tudo que representa, nos nossos habitos, o scenario convencional da morte, e então a morte aparece-nos-ha na sua primitiva singeleza reduzida ao seu justo valor, como um simples detalhe na evolução animica do ser. O espirito liberta-se do involucro carnal, foge da triste prisão corporea onde só atravez de cinco frestas — os sentidos — contempla a beleza suprema da Criação e passa a admira-la nesse instante, em toda a sua maravilha, vivendo emfim livremente a verdadeira existencia da alma, a vida espiritual. Quem morre sae com a morte do convivio do mundo, para logo entrar com ela no convivio dos mundos. O que é preciso, como remate de uma boa vida, é saber-se morrer bem. O soldado que tomba no campo de batalha varado pelas balas ou esmigalhado por um estilhaço de granada, cae no seu posto; não é digno de lastimas, só merece admiração e louvor. Morreu bem.

Conheci Alexandre Cabeças na estação do Rocio, quando partia para sempre... Fiz-lhe a continencia militar e apresentei-me.

Desceu á gare: abraçamo-nos então pela primeira e ultima vez.

«Trago-lhe aqui o emblema integralista, meu Alferes, para que o fiador de sua espada se abrace a ele na hora do perigo.» E eu proprio lhe afivelei no peito a placa branca de esmalte, circundada pela corda das navegações, e onde o pelicano simbolico da Grei abre as azas sobre a cruz ensanguentada da Ordem de Christo. E estou a ouvir-lhe ainda as ultimas palavras, quando o comboio se punha em marcha: «Podem ficar seguros, meus amigos, de que as aguias germanicas, aves de rapina, nunca saberão afugentar este pelicano sangrento que morre, á semelhança de Christo, num impulso de sacrificio e de renuncia.

Se topar a morte, lá longe, nas planicies da Flandres, saberei morrer tambem como morre o pelicano: dando o meu sangue aos outros, para que os outros possam viver.»

E partiu... E morreu! Eu que ainda vivo, sendo soldado e sendo integralista, não tenho pena dele, tenho pena de mim!

Conde de Monsaraz

Antifona

Morreu o heroi! Na carreira douda a lampada extinguiu-se, e no silencio fraterno que se espalhou á roda outra vez floriu a lança do Centurião.

Já a eterna claridade iluminou seus olhos. Se com tanta segurança e firmeza soube sempre caminhar pelos asperos caminhos da Terra, foi porque nunca a ti os se lhe apartou do céu.

Dois sentimentos dominaram a vida inteira do Alferes Alexandre Cabeças: o sentimento nacional e o sentimento religioso. Ah, a exclamação justa de Lacordaire: *A' tous les cœurs chrétiens que la Patrie est chère!*

No amor da Patria se junta e confunde

o amôr dos pais e o amôr dos filhos, saudades e carinhos, porquê a Patria não é apenas a terra em que nascemos, — é a igreja da nossa aldeia, as arvores que derramam, sôbre a nossa sombra, a frescura da sua sombra; é a voz triste das fontes e a voz alegre dos sinos nas claras manhãs tranquilas dos domingos.

A Patria é a recordação saudosa da nossa infancia e a gloria dos nossos antepassados: é a reunião dos vivos com os mortos e com os nascituros. Por isso o velho Horacio dizia que é doce e belo morrer pela Patria!

Heureux ceux qui sont morts pour la terre charnelle,
Mais pourvu que ce fût dans une juste guerre;
Heureux ceux qui sont morts pour quatre coins de terre,
Heureux ceux qui sont morts d'une mort solemelle.
Heureux ceux qui sont morts dans les grandes batailles,
Couchés dessus le sol à la face de Dieu.

Sobe para o ceu a oração de Péguy, morto tambem, abrazado o olhar, a espada ao alto contra o inimigo.

Aos clarões do incendio que a guerra espalha vêem-se as almas melhor.

Na cidade antiga todas as instituições gravam á volta da guerra, tonte e principio de toda a virtude, porque a guerra é o sacrificio e a abnegação, é a consciencia dos deveres colectivos a ninguem oculta, é a subordinação de todos os interesses particulares ao interesse commum, é a sujeição á disciplina e á organisação social, sôbo todos os esforços convergindo no pensamento unico de defender e engrandecer a Patria!

No dia em que a flôr do ideal heroico e guerreiro pendeu da haste, tambem desfaleceu o coração do homem.A guerra é fogo sagrado que, destruindo, constroe, e, abrasando, purifica.

Ao dever patriotico, salvaguarda da independia nacional, o alferes Alexandre Cabeças juntou sempre o dever moral, condição da salvação eterna. Assim a historia da sua alma é a historia de uma ascenção, e a sua vida toda um vôo para Deus.

Não choremos o moço heroi. A dôr que redime é um canto de esperança. E eu louvo o Senhor Deus dos Exercitos, que pela Morte e pela esperença o redimiu!

Luis de Almeida Braga.

Alferes Alexandre Cabeças

Morreu batalhando em terras de França mais este bravo soldado de Portugal.

Morrer assim é o supremo sacrificio:— é mais do que morrer como heroe, porque é morrer como santo.

A mocidade francêsa marcha para a batalha cantando:

Demain sur nos tombeaux
les blés seront plus beaux!

—e com a certeza forte de que o seu sangue vai fertilizar a terra da Patria libertada, onde amanhã germinarão mais belas as cearas da paz e da fartura, esses rapazes admiraveis caminham para a morte como iluminados e morrem como heroes.

A nossa mocidade, essa avança para a formidavel luta com o coração grosso de saudades da terra longinqua, galvanizada pelo sentimento frio e reflectido do cumprimento de um dever.

Flores de uma nova Cavalaria de Sacrificio, batem-se como leões, para honrar a Patria distante.

E sobre as suas sepulturas não vicejarão os trigais, porque nunca as lagrimas das mães as poderão regar...

Marcham para a morte como mártires e morrem como heroes e como santos.

Assim morreu Alexandre Cabeças, assim foi cortada a sua bela e ardente mocidade.

Chorêmos saudosamente, piedosamente, esse companheiro leal, de tão clara inteligencia e de tão galharda valentia. Ele é o primeiro oficial-integralista morto em combate. Afivelado ao pulso que tão valorosamente brandiu a espada, êle trazia o emblema da Cruz de Cristo, que é simbolo de fé e do Pelicano, que é simbolo de sacrificio.

Glória ao Heroe! Como aos cavaleiros do auto vicentino, abrem-se para o acolher entre hinos de louvor, as portas da Bemaventurança,

«que quem morre em tal batalha,
merece paz eternal.»

Xavier Cordeiro.

In memoriam

Conheci Alexandre Cabeças á minha entrada em França, no rapido que a Paris nos levava.

Atras nos ficara a Espanha, mais gentil ao despedir-se de nós na altivez dos Pirineus, abrindo o claro e jovial uso das suas ribeiras rumorejantes e mostrando-nos ao longe e ao alto os altos jardins brancos da sua neve.

Descíamos á verde França dos planios ferteis e das ribeiras limosas e fundas, terra sagrada pelos milagres de uma raça de luzes cristãs e latinas, e hoje em dia Calvario da humanidade no martirio longo da guerra.

Em nosso coração recolhíamos o tom augusto desses momentos, á luz de reflexões piedosas em honra da Raça irmã; e nossos olhos abriam-se aos humildes aspectos comesinhos, em que as intenções facilmente descobriam simbolos.

E como a noite caira já sobre os pinheirais das Saudes bordalesas, ficaranos o panora.na estreito da linha ferrea, com as gares atulhadas das turbas militares num belo espectaculo do multidão. Pollus prognards e pitorescos, vultos elegantes, finos, vivos de oficiais francezes, «silhonettis» oportivas de ingleses, e sobretudo os americanos chegados de fresco, com ares de seriedade comercial de quem vem truzer para a arte de guerra as regras da organização de uma empresa, os discretos dictames da arte do guarda-livros e os arrojados metodos da sua engenharia.

Foi em torno dos comentarios ás impressões dessa multidão se atou a minha conversa com o alferes Alexandre Cabeças, meu companheiro na viagem para França. E principalmente admiramos em comum, tomando-a como um simbolo e um augurio, a presença desse joven capitão francez, com um forte peito estrelado pela legião de honra e outras medalhas, e todo absorvido na leitura reflectida, filosofada da sua «Action Française». Para nós dois, que na comunidade dessa impressão bem afirmavamos o nosso integralismo», essa figura casual de viagem representava a admiravel juventude francêza, conquistando no heroismo a emancipação para a maioridade e os direitos de mandar a França, e ao mesmo tempo bem nutrida pela comunhão do espirito reacionario, reconstructor, que renasceu neste seculo o grande latino Maurras com a sua escola.

E em torno desta agradavel esperança lá nos pusemos a comunicar o nosso entusiasmo, a nossa fé; por minha parte posso afirmar que me encantou toda a revelação do espirito do meu interlocutor. Era um grande integralista, bem firme na clareza dos nossos principios e ardente nos anceios do nosso heroismo.

Para a guerra marchava com um sorriso candido de quem pará além dos perigos avista muito naturalmente a fecundidade social da missão; e se o alentava a consideração de que o heroismo tem por patria o mundo e mesmo a classica terra francesa é digna sepultura para soldados, sobretudo considerava as repercussões que a batalha teria em Portugal, por promover a um aprendizado definitivo de integralismo e geração de que fazemos parte.

A' Republica, que então assinua em Portugal a forma extrema e logica do escrismo democratico, era preciso substituir a ordem integralista, á qual, já prospera em nossos cerebros e corações de novos e mais confirmada pela unção da guerra, era urgente impor á realidade politica de Portugal.

E assim posso atestar que essa bela alma que a morte ceifou em flor, partia para a guerra como heroe de Portugal, que, forçado pelas circunstancias a prodigar o seu sangue em terra extranha, não desvia entretantoos olhos do espirito da saudade da Terra-mãe e da esperança de que o seu sacrificio seja de proveito para a ordem domestica portuguêsa.

E posso atestar mais que esta alta direcção de espirito se afirmava uma concreta intenção: a necessidade de que o corpo expedicionario português no seu regresso levantasse armas por Portugal, contra o estrangeiro do interior, fechando assim a guerra com uma batalha portuguêsa, restabelecendo o heroismo da nossa historia, restaurando as nossas tradições nacionaes.

* *

Tornei a encontrar esse companheiro que hoje celebra a nossa saudade em Laventie, por uma manhã de neve.

Lá me, saiu inesperadamente de um buraco entre ruinas, abrindo-se para mim num bom sorriso de camaradagem. Espantou-me a sua boa disposição o seu fresco ar de saude.

Era o efeito desse problematico descanço de alguns dias, no conforto negativo das vilas em ruinas, com sonos agitados ao som do canhão e o terrivel pesadelo dos gazes que matam.

Essa flauma extranha, um pouco nervosa assustou-me por nela ver aquele tom delicado e leve e fatal da vitima que a morte predestinou como seu filho. Na juvenil elegancia do seu vulto marcava-se uma extranha e espiritual expressão de gentileza, como atavio supremo para o noivado da morte.

Entretanto eram de vida ainda as suas palavras e de esperança na resurreição da nossa raça e de fortaleza na confissão da verdade integralista contava-me as conquistas do seu proselitismo e os resultados da prodaganda integralista que fazia nas calmarias das trincheiras.

Como a voz do canhão, remorso vivo da civilização que a si mesma se destroe por obra da democracia — confirmava os seus argumentos, o seu proselitismo era facil, ora conquistando e convencendo, ora confundindo e derrotando.

Nas vesperas de morrer, Alexandre Cabeças semiava dest'arte a vida, espalhando os principios da causa social e nacional, combatendo o bom combate em que se fertilizam com o proprio sangue as searas novas, as searas misticas em que o corpo das gerações de resgaste se dá em pão de eucaristia, segundo Cristo ás gerações do futuro.

Demain sur nos tombeaux
Les blés seront plus beaux.

Certamente Alexandre Cabeças desejaria viver para o triunfo da causa e a sua agonia, no campo tempestuoso da batalha, aumentou-se com a tragica saudade de Portugal e com a dôr de não ver o porto de salvação, a hora definitiva do triunfo. Mas certamente tambem seu ultimo pensamento, que Deus lhe terá dado como estrema-unção de alivio, seria o de certeza da fecundidade do seu sacrificio e seu ultimo sentimento seria o da oblação do seu ser sublimado pela miseria da morte á Verdade Sincera da sua vida de boa vontade, isto é, ao Integralismo.

Para nós que ficamos na luta será esta sempre a imagem em que o figurará a nossa saudade; que a sua memoria seja para sempre honrada em a nossa fraternidade como grande é a nossa dôr, muito pelo que nele perdemos de realidade, mas mais ainda pelo que nele perdemos de esperança.

José A. P. Rebelo

Em lembrança

Sobre a terra atormentada de Flandres onde agora a primevera não passa a esculpir as flôres e o sol cobre a face em exilio de fogo e cinza, Alexandre Cabeças fielmente acaba de pagar á honra da nossa Patria o tributo da sua vida.

Para a batalha levou o pensamento de uma redenção nova, a florir na madrugada da sua juventude, e quando seria mais gloriosa a dôr do sacrifício, veio a morte toma-lo em seus braços para o eterno repouso.

Recordemos, amigos, o proto-martir da nossa fé nacionalista, em cuja energia heroica ardia a virtude do sangue antigo —não para chorar a sua desdita, mas para o exaltar no seu triunfo da morte.

Aprendamos nele a unir sempre a vida e a esperança, para que nos seja consolação o seu exemplo e na suprema renuncia em que se lhe apagou a luz dos olhos, conheçamos todos o prazer da acção e a beleza do sacrificio.

A sua espada não guiará mais soldados ao dever, mas a flama alta da sua fé não deixará de conduzir os nossos corações.

Ele é o primeiro dos nossos mortos, irmão de armas e de crença que a nossa piedade continuamente irá ressuscitando, como um simbolo de coragem indomavel e de eterna juventude.

Pelo muito que amou a sua Patria, nesse recontro em que o perdemos, ele merece o culto da nossa lembrança, para que á sua memoria consagremos a sentença que nobilita um velho triunfo:

Qui bien ayme tard oublie.

Hipolito Raposo

O sacrificio

No calvário da Flandres, onde o sangue moço de Portugal está reunindo as culpas de um seculo, tombou, morto, victima do ataque alemão do dia 9 de Abril, o alferes Alexandre Cabeças. As fileiras dos legionarios do Integralismo sofreram a primeira baixa; a morte, ceifeira cega, cegamente, no-lo levou, desfazendo alegrias, umurchecendo esperanças, amorosamente entrestecidas, enchendo de saudades e de lágrimas tantas vidas — para esse nome que passou...

Choremo-lo todos, porque porque chorar é humano; mas sirva de lenitivo á nossa dôr a certeza que Alexandre Cabeças foi um santo e foi um he oi. Entre os mortos frios, secamente, o *Rol d'honra* o mencionou; tenho, porem, a certeza que ele soube morrer, christã e heroicamente, porque, na fraterna amizade, que nos uniu, aprendi a conhecer os tesouros inexauriveis de bondade e Fé, da sua alma vibrando num intenso amôr da patria. Nem podia deixar de ser assim: Alexandre Cabeças tinha de morrer como um heroi e como um Santo, pois tomava para modelo da sua vida cheia de virtudes o Santo Nun'Alvares e por sua protectora N. S. da Conceição de Vila Viçosa, a Padroeira de Portugal.

E' admiravel a formação religiosa, extraordinario o espirito de sacrificio, que incendeia as suas cartas, reliquias preciosas, desabafos que o seu coração de amigo nos confiou, em passagens como estas:

«...Quem poderá duvidar de Deus, vendo esses inumeros Cruxifixos, que muitas vezes sob um bombardeamento quasi incessante, que tudo desmorona e incendeia, permanecerem intactos, como para desmentir ao mundo, com a sua intangibilidade a divindade da sua religião?..., ...Saudades de Portugal quem as não tem?!..., —e como ele parece mais belo visto cá de longe onde não chega o vozear da multidão que o conduz para um abismo destruindo-lhe a Crença e a Tradição..., ...Quem poderia a olhos enxutos ouvir falar da sua bandeira, dos seus herois, das suas glorias da Padroeira?..., ...e cá andamos tentando restitui-la á grandeza de outras eras, nos tempos em que D. Nuno em Aljubarrota a tornou imortal, Vasco da Gama lhe procurava outras terras, Camões a cantava, Montes Claros a proclamavam soberana...

Creio, que Deus pedestinou Alexandre Cabeças para, na sua curta e esperançosa vida, espalhar a virtude e a alegria que, se consentiu no martirio, foi para mais o santificar, para que Portugal no ceu tivesse mais um santo e um heroi a velar por nós todos.

Entre tantos que vão á guerra e hão de voltar, Ele não voltará mais...

Humanamente ha dores, saudades, que pungem até á morte; mas, chorando sentidas, saudosas, merecidas... lagrimas pelo amigo, glorifiquemos o Santo coroemos de loiros o heroi.

A brecha aberta na unida fileira, que o estandarte integralista abre com as suas dobras, e agora com os seus crépes, pelo primeiro que cai, por misteriosos designios de Deus, Ele mesmo preenchê-la-á com os auxilios da sua intercessão que do Alem nos está enviando permanentemente pelos alentos que o seu exemplo nos legou...

—*Les guerres utilisent des armes matérielles, mais leurs vrais móteuss sont des forces psicologiques*— diz G. Le Bon.

Lisboa, 16-5-1918.

Joaquim Maria Silva Dias.

Alexandre Cabeças

O nosso presado colega *O Dia*, no seu numero de sabado, anunciando a missa que hoje foi resada por alma do heroico alferes Alexandre Cabeças tinha para com o nosso querido e saudosó camarada as seguintes sentidas e justiceiras palavras que comovidamente agradecemos:

«Justa e piedosa homenagem é essa que vae ser prestada ao malogrado moço, que só uma vez vimos mas que merecia toda a nossa simpatia. Abraçamo-lo nesta redacção dias antes da sua partida, quando teve a penhorante gentileza de vir aqui apresentar-nos as suas despedidas e afirmar-nos a sua fé inabalavel nos destinos da Patria e da Monarquia, ás quaes não hesitou em sacrificar a sua vida, como galhardamente o provou.

Nos seus olhos vivos brilhava bem a chama do espirito de heroismo e de sacrificio que anima a mocidade de hoje, disposta a fazer regressar a nossa terra á continuidade da sua tradição. E embora militasse num agrupamento monarquico cujas tendencias em certa medida diferem das nossas, nem por isso deixou de vir saúdar *O Dia* como um dos mais acerrimos defensores da Causa.

Com que saudade o recordamos, com que magua evocamos a sua figura, que parece surgir-nos ainda junto desta mesa onde escrevemos, como escreveriamos quando apareceu a visitar-nos pela primeira e ultima vez!

A missa

Os mortos passam depressa. Mas no esquecimento que os sepulta na confusão das coisas sem nome. Alexandre Cabeças foi lembrado. Resada pelo nosso querido amigo pessoal e politico P.e Avelino de Figueiredo, celebrou-se hoje na Encarnação ás 11 1|2 a missa de sufragio que estava anunciada. Entre outras pessoas notámos na assistencia as senhoras D. Henriqueta Moreira de Almeida, D. Maria Helena Bon de Sousa Xavier Cordeiro, D. Anna Julia Nunes da Silva Sardinha e D. Helena Cayola de Araujo; e os senhores Moreira de Almeida, comandante Polycarpo de Azevedo, Julio de Mello e Matos, Antonio Teles de Vasconcelos, major Luis Estylita de Freitas, dr. Xavier Cordeiro, Conde de Monsaraz, Dr. Hipolito Raposo. Dr. Alvaro Sousa Rego, alferes João Rico, alferes Godinho Tavares, alferes Luis Chaves, dr. Perry Vidal, dr. João Moreira de Almeida, Alfredo de Freitas Branco, Centeno Fragoso, Dr. Antonio Sardinha, Cornelio da Silva, José de Melo Lapa (Vila Nova de Ourem), Manuel Moreira, João Teles, Manuel Carrasco, Basto Gonçalves, Francisco Beliz, José Rebelo, Patacho Ramos, Alvaro Maia, Pereira de Gouveia, etc., etc.

Os nossos prezados colegas o *Dia* e o *Liberal* eram representados pelos seus ilustres directores. O nosso amigo Alfredo de Freitas Branco representava o *Realista* e o dr. Antonio Sardinha os nossos queridos camaradas dr. Armando da Silva e dr. Luis de Almeida Braga.

MUSICA

«Bohème»

Teve na sexta-feira ultima um desempenho satisfatorio a partitura mais espontanea e sincera de Puccini. Dispondo a companhia de desigualissimos recursos em artistas, o que lhe torna deveras embaraçoso de resolver o problema da homogeneidade, foi milagroso como se conseguiu fazer o segundo acto com as suas exigencias corais e outras.

A sr.ª Mazzoleni tem na «Mimi» uma das suas mais felizes interpretações. A natureza da sua voz presta-se ao personagem e foi com infina arte que o caracterisou logo no «racconto» do primeiro acto. O sr. Marquez cantou com correcção tendo sabido vencer as escabrosidades vocais da parte de Rodolfo.

Muito notavel o sr. Rossi-Morelli no pintor boémio. Atravez de toda a opera teve frases interessantes, mas salientou-se principalmente no dueto com Mimi e no quarteto tão celebre.

O baixo Masini-Pierali já se nos tem mostrado artista de envergadura; não podemos porem deixar de frisar o interesse que nos despertou no seu pequenissimo papel de Colline. E' sem duvida uma das modalidades mais apreciaveis do talento deste artista o valor que sabe dar a pequenas coisas, qualidade que aliás pode ser considerada a pedra de toque do verdadeiro mérito. O modo como disse a conhecida frase da despedida do capote, coloca-o muito acima da convencional interpretação que em geral nos servem e revela-nos uma cultura intelectual, uma compreensão clara, de que tambem por via de regra se não faz muito uso na scena lirica.

Blanch que na «Tosca» tinha merecido o sufrágio unanime tornou nesta nada cómoda partitura a afirmar a sua vocação.

«Lucia»

Cada vez nos convencemos mais da grandeza de Schipa. Não ha personagem por mais ingrato, não ha musica por mais antiquada e pobre, de que o seu imenso talento não consiga tirar efeitos de Arte elevada e sempre pessoais, como individual e inconfundivel é a maneira deste joven artista que ha-de certamente ficar na historia do canto como um tipo áparte e certamente não inferior aos maiores.

O seu «Edgardo» impoz-se-nos desde as primeiras frases. A conhecida melodia: «Sulla tomba» foi dita de um modo pungente com aquela côr especial que Schipa sabe dar ás seu delicioso orgão e que só por si, sem o admiravel talento de actor que o sustenta, traz lagrimas a todos os olhos. Esse magnifico talento dramatico foi premiado com uma ovação no segundo acto. Mas foi na scena final que Schipa se nos revelou assombroso. Digamos antes de mais nada, que, posta de parte a apreciação da estética donizettiana sobre a qual é tão facil fazer snobismo musical, não é comoda de cantar esta musica, é preciso ter voz, é indispensavel saber cantar e saber muito, para se poder tão sómente dizer as notas de uma destas operas do tempo dos nossos bisavós. Se dissermos portanto que Schipa cantou ante-ontem toda de joelhos a mais difícil aria, e o fez sem o mais leve esforço, fraseando e representando inexcedivelmente, renovando, por assim dizer este papel que se nos afigurou ante-ontem uma coisa diferente de tudo quanto tinhamos ouvido, poder-se-ha talvez ter uma longinqua ideia do que realisaram os seus dotes vocais e a sua sensibilidade artistica.

O que acabamos de dizer pode egualmente na essencia aplicar-se á sua interpretação da «Manon», da «Mignon», da «Tosca» de tudo quanto ele faz: personagem que Schipa interprete é personagem em que encontramos coisas novas, «trouvailles» felicissimas.

Renova-se nos nossos dias o que se passou com Rubini, de quem se dizia que transfigurava, exaltava toda a musica que cantava.

A nossa compatriota D. Cacilda Ortigão teve ontem um significativo triunfo que muito nos apraz registar por ser perfeitamente justo. No fim da scena da loucura foi premiada com uma grande ovação tendo por trez ou quatro vezes que vir ao proscenio receber os caloroso testemunhos de admiração do publico que enchia a grande sala.

O baritono Rossi-Morelli, por diversas vezes ouviu merecidos aplausos, principalmente no primeiro acto, ao terminar a celebre e dificultosa ária que cantou na verdade com saber.

No final da ópera o simpatico director de orquestra, tão apreciado pelo publico de Lisboa, foi, reclamado pelos seus numerosos admiradores, obrigado a agradecer do palco, os aplausos que lhe foram tributados.

«Concerto de Vargas de Nunez»

Este ilustre pianista mexicano, discipulo dilecto e monitor de Raoul Pugno, deu ontem em «matinée» no «Salão do Conservatorio» o segundo concerto da interessante série de audições de musica de camara que se propõe levar a efeito.

Constava o programa das sonatas de violino de Fauré e de Grieg, de trez peças de piano, de Romeau, Chalner, e Debussy e do trio em dó menor de Beethoven, obras em que não só o talentoso promotor mas tambem os seus valentes parceiros, srs. Rafael Galindo violinista e Ruben Montiel violoncelista, tiveram ocásião de revelar as suas notaveis qualidades.

L. do Freitas Branco

Acaba de sair

A nossa Instrução Primaria e o Sr. Dr. Alfredo de Magalhães

por *Antonio Figueirinhas*

Neste livrinho o autor critica acerbamente o desgraçado ensino nacional.

— Preço 300 réis —

Lisboa—Livraria Ferreira Lt.ª
Porto—Livraria Civilização

A grande conflagração

NOTAS DUM CRONISTA

Com inteira verdade e tambem com inteira franqueza, faz o general de Malleterre as seguintes considerações na sua «Chronica Militar» do «Temps», de 15 deste mês:

«Evidentemente não deixa de se nos afigurar paradoxal que, depois de quatro anos de guerra, uma coligação compreendendo a França, a Inglaterra, a Russia, a Italia e ultimamente os Estados-Unidos, uma coligação sènhora dos Mares, que junta á força das armas, a força do bloqueio, não tenha conseguido dominar os Imperios Centraes, apoiados pela Turquia e pela Bulgaria e que, pelo contrario, hoje em dia, ela parece estar numa situação mais difícil que nos anos precedentes. E todavia, não resta duvida de que a pesar de todas as faltas cometidas, de todos os revezes, de tantas decepções, apezar da estupeficante desaparição da Russia, a coligação possue a força necessaria para chegar a vencer a Alemanha, com a vontade e com o tempo.» Tambem mais duma vez temos feito a nós proprios esta pergunta, que o ilustre general enuncia.

Com efeito, como tem sido possivel que tantos milhões d'homens, de raças diferentes, é certo mas unidos por esse elo unico do desejo ardente de vencer o inimigo, nada hajam conseguido até hoje?

Facto extraordinario e talvez unico na historia de serem os sitiados, que constantemente *ditam* a ofensiva, passando os sitiadores á situação de méros «para-golpes» com raros assomos de ir por deante, custe o que custar.

O general de Maleterre pede *vontade e tempo* para que o inimigo seja vencido— *Vontade* não duvidamos nós que a haja, especialmente nas duas nações, que vão á testa das colunas de assalto aos Imperios Centraes. Mas quanto «ao tempo», até hoje, francamente, só vemos que êle tenha favorecido o inimigo.

Se não fôra o foctor «tempo» jamais se daria a desagregação russa, com todas as suas consequencias, talvez inesperadamente vantajosas para a Alemanha e seus aliados—a formação da Finlandia, de Polonia e da Ukrania, a liquidação de Romenia, o Baltico transformado em Mar Germanico, etc.

Dir-nos-hão: o factor «tempo» trouxe o concurso dos Estados Unidos, a declaração de guerra de quasi toda a America Latina, a conquista do Dominio Africano de Alemanha, etc., etc.

D'acordo que se trata de factores, que muito pesarão no prato da balança, que ha-de ser posta sobre o «Tapis Vert» da Conferencia da Paz...

D'acordo que a «guerra economica que depois ha-de vir, quando as espadas se embainharem, os canhões e mais engenhos sé recolherem aos depositos e Arsenaes e as espingardas forem para os armeiros das Casernas, deve ser temerosa contra a Alemanha e que esta muito terá então de luctar para conseguir definitivamente vencer...

Mas o que ninguem poderá contestar é que «agora, neste momento decisivo e historico» o problema militar sobreleva a todos e que sob esse aspecto... as palavras de Malleterre são insuspeitos... ...Lá estamos nós daqui a ver as taes «boas almas», cheias de pharisaico e patriotico zelo, a resmungar: «Pouca vergonha! Germanofilo! E ha quem consinta que se escrevam coisas destas!...»

Perdão! As «boas almas» que descansem...

Eu não concluo que os alemães vençam, almas de Deus! — que para o caso bem são, almas do Démo...— eu apenas me limito a, apoiado numa opinião insuspeita, mostrar que a situação é esta...

Quanto ao futuro, esse a Deus pertence. Vencerá a guerra quem melhor a souber ganhar, porque a sorte das batalhas é vária, como a Fortuna.

Unicamente, depois de tantos erros cometidos, depois de tanta Democracia esbanjadamente atirada por esse mundo fóra, os Aliados apenas tem de tomar conta em si, porque a situação se é grave para os Centres, não o é menos para os da Entente. O inimigo é duro e não se combate com palavras mas com obras.

E já o dizia o Jacinthu Freire d'Andrade, na «Vida de D. João de Castro». «Os homens nascem iguaes. As obras é que fazem os homens diferentes.»

Pois é aplicar «el cuento...»

Saturio Pires

QUOTIDIANAS

O Navio-Hospital

Manhã ridente de Maio... Foram-se os frios e o turpor dos mêses de invernia. A natureza ri e rescende perfumes... Vestiram-se de verde as arvores; cobriram-se de novo os jardins com os seus tapetes floridos e multicolores.... A Primavera corre as campinas e anima a vida da cidade... Na transparencia do azul do ceu o sol espalha a flux o ouro da sua luz e debruçado espelha-se nas aguas levemente aniladas do Tejo que remansões vão caminho da Barra...

Manhã ridente de Maio... A vida desperta nas arterias da cidade... E mansamente, surcando a superficie polida das aguas, que se afastam suavemente, o navio-hospital, realsando no branco do casco o rubro emblema cristianissimo, mansamente se aproxima dos caes... Branco, lividó, só tendo a animá-lo o vivo da cruz-vermelha, alembra o fantasma misterioso e alembra a dôr resignada e o heroismo calmo que traz no seio.

Um ano apenas é decorrido desde que essas gigantes plumbros e fumegantes nos levavam Barra em fóra tanto afecto, tanta amizade... Então afastando-se ao longo da muralha de Alcantara as expedições aprovam á Barra e os nossos soldados marinhando ás vergas dos mastros ou apinhando-se na amurada, agitando a alvura dos lenços entre lagrimas e entusiasmo, que são o fundo da nossa Alma, com uma saudade enviavam num *viva* expontaneo a mais calorosa despedida á Patria bem querida...

Quantos sonhos! Quantas ambições de gloria! Quanto palpitar vibrante do coração que se desfez, que se gelou na rudeza da realidade! E o heroismo lusitano hobremente se mantem em terra extranha... Manhã ridente de Maio... O navio-hospital traz-nos ainda novos heroes, novos trofeus esfarrapados da bravura e da gloria portuguêsa... Alguns seculos atraz a rubra cruz de Cristo no pendão branco das descobertas abrigava os herois... Hoje é ainda o rubro da Cruz dos Hospitais Cristãos que protege as reliquias de um heroismo secular...

Alfredo de Freitas-Branco.

Nunes & Nunes, Suc.
Cambios, papeis de credito «coupons» e cheques sobre o estrangeiro
95--R. do Ouro--97

Um crime

Na rua de Santa Barbara n.º 15, um chaufeur matou a amante com dois tiros de revolver, fugindo em seguida.

Apreensão da «Situação»

Foi ontem apreendido o jornal «A Situação» por fazer considerações sobre os membros da censura.

Protestamos energicamente.

Ordem publica

A policia preventiva prosegue nas suas investigações ácerca das prisões politicas que se efectuaram ultimamente em Lisboa, como já referiram alguns jornais.

Agente ameaçado

Foram presos um sargento e quatro praças da armada por perseguirem e tentarem agredir um agente da policia preventiva.

Jornadas e Salões

Diplomatas

O ilustre ministro da America ofereceu nos explendidos jardins da legação um elegante *tea*, a que assistiram alguns membros do corpo diplomatico e muitas pessoas da nossa primeira sociedade.

Parte brevemente para o Rio de Janeiro o sr. dr. Mario de Belford Ramos, conselheiro da embaixada do Brazil, e sua esposa.

Festa de caridade

No proximo dia 8 realiza-se em casa de madame Montille, esposa do secretario da França, uma explendida festa de caridade, cujo produto reverterá a favor dos «Mutilados da Guerra».

Schipa-Mazzoleni

A recita da moda desta noite no Coliseu dos Recreios resultará um acontecimento brilhantissimo, pois canta-se, em ultima e irrevogável representação a «Tosca» sendo as duas partes principaes interpretadas pelo eminente tenor Tito Schipa e pelo insigne soprano Ester Mazzoleni.

Partiu hoje de Madrid, onde chegou hontem, o afamado mezzo-soprano Fany Anitua que se estreia na quinta feira no Coliseu. Com uma carreira triumfal feita nos primeiros teatros liricos, a grande artista é hoje o primeiro mezzo-soprano.

Certamente que Lisboa juntará os seus calorosos aplausos áqueles de que Fumi Anitua guarda mais viva recordação.

O novo prior dos Anjos

Sua Eminencia o Senhor Cardeal Patriarca nomeou prior dos Anjos o sr. dr. José Manuel Pereira dos Reis, secretario da Camara Eclesiastica e para este logar foi nomeado o beneficiado e 1.º mestre de cerimonias da Sé Patriarcal, rev. Eduardo Coelho Ferreira.

ESPECTACULOS

NACIONAL — A's 9 — «Amor de Perdição» drama.

TRINDADE — A's 9,30 — «Flor dos Pampas» opereta.

APOLO—A's 9—O gelato de Lisboa—A alma de D. João.

GIMNASIO — A's 9,15 — «Reservado para Senhoras».

EDEN TEATRO—A's 9,15 — «O Fado». — apereta.

COLISEU DOS RECREIOS — A's 9 — Recita extraordinaria da grande celebridade lirica Tito Schipa. — Unica representação da opera Tosca.

SALAO FOZ — A's 9 — Animatografo e variedades.

SALAO DOS ANJOS.—A's 20—A revista «Ai seu teso!

—

Chiado Terrasse—Animatografo e concerto.
Olimpia—Animatografo e concerto.—«Matinées» todos os dias.
Salão Central—(Palacio Foz)—Animatografo e concerto.
Cinema Condes—Animatografo e concerto.—«Matinées» ás quinta-feiras.
Cinema Colossal, Coliseu de Lisboa—Animatografo e variedades.
Salão da Triudade — Animatografo e concerto
Salão Lisboa, á Guia—Animatografo.
Salão do Rocio—(R. Arco Bandeira)—Animatografo.
Cine-Paris—Animatografo.
Chantecler—Todas as noites finas falades.

—

JARDIM ZOOLOGICO.—Exposição permanente de animais.

MONTE-PIO COMERCIAL E INDUSTRIAL

206, R. Augusta, 214
54, R. d'Assaine 56

Emprestimos sobre joias, ouro papeis de credito. Juro maximo por cada 5 tostões.

Cofres para alugar aos